

**FEZ**  
**ELITE**  
PRÉ-VESTIBULAR  
c a m p i n a s

**Aprovou!**

**ELITE**  
**Resolve**

**UNICAMP - 2016**

**2ª Fase**

**Português e Redação**

**www.elitecampinas.com.br**

**OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET**

**LÍNGUA PORTUGUESA****Texto 1**

Você é um estudante universitário que participará de um **concurso de resenhas**, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante (CAE), órgão que desenvolve atividades culturais em sua Faculdade. Esse concurso tem o objetivo de **estimular a leitura** de obras literárias e **ampliar o horizonte cultural** dos estudantes. A **resenha** será lida por uma **comissão julgadora** que deverá selecionar os dez melhores textos, a serem publicados. Você escolheu resenhar a fábula de La Fontaine transcrita abaixo. Em seu texto, você deverá incluir:

- uma síntese da fábula, indicando os seus elementos constitutivos;
- a construção de uma situação social análoga aos fatos narrados, que envolva um problema coletivo;
- um fechamento, estabelecendo relações com a temática do texto original.

Seu texto deverá ser escrito em **linguagem formal**, deverá indicar o **título da obra** e ser assinado com um **pseudônimo**.

**A Deliberação Tomada pelos Ratos**

Rodilardo, gato voraz,  
aprontou entre os ratos tal matança,  
que deu cabo de sua paz,  
de tantos que matava e guardava na pança.  
Os poucos que sobraram não se aventuravam  
a sair dos buracos: mal se alimentavam.  
Para eles, Rodilardo era mais que um gato:  
era o próprio Satã, de fato.  
Um dia em que, pelos telhados,  
foi o galante namorar,  
aproveitando a trégua, os ratos, assustados,  
resolveram confabular  
e discutir um modo de solucionar  
esse grave problema. O decano, prudente,  
definiu a questão: simples falta de aviso,  
já que o gato chegava, solerte. Era urgente  
amarrar-lhe ao pescoço um guizo,  
concluiu o decano, rato de juízo.  
Acharam a ideia excelente,  
e aplaudiram seu autor. Restava, todavia,  
um pequeno detalhe a ser solucionado:  
quem prenderia o guizo – e qual se atreveria?  
Um se esquivou, dizendo estar muito ocupado;  
Outro alegou que andava um tanto destreinado  
em dar laços e nós. E a bela ideia  
teve triste final. Muita assembleia, ao fim nada decide – mesmo sendo  
de frades  
ou de veneráveis abades...

Deliberar, deliberar ...  
conselheiros, existem vários;  
mas quando é para executar,  
onde estarão os voluntários?

(Fábulas de La Fontaine. Tradução de Milton Amado e Eugênia Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003, p. 134-136.)

**Glossário**

Abade: superior de ordem religiosa que dirige uma abadia.  
Frade: indivíduo pertencente a ordem religiosa cujos membros seguem uma regra de vida e vivem separados do mundo secular.  
Decano: o membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia, corporação, etc.  
Guizo: pequena esfera de metal com bolinhas em seu interior que, quando sacudida, produz um som tilintante.  
Solerte: engenhoso, esperto, sagaz, artiloso, arguto, astucioso.

**Comentário**

O enunciado do primeiro gênero da prova de redação da Unicamp exigia que o candidato elaborasse uma resenha acerca da fábula *A Deliberação Tomada pelos Ratos*, de La Fontaine. Na situação construída pelo enunciado, a resenha insere-se no contexto de um concurso e, portanto, será lida por uma comissão julgadora. Embora o leitor tenha sido especificado, sua imagem não deveria ser criada ao longo do texto. Os objetivos do texto são os de estimular a leitura e ampliar o horizonte cultural dos estudantes; na elaboração da resenha, o candidato não deve perdê-los de vista, deixando-os subentendidos conforme cumpre as etapas constituintes do propósito.

A primeira etapa do propósito a ser cumprida, de acordo com a sequência proposta, corresponderia à síntese da fábula, com a indicação dos elementos que a constituem. Como se pode observar no texto 1, na fábula os personagens são animais com sentimentos humanos, com a forma estrutural de uma narrativa, cuja lição de moral, no caso desta fábula de La Fontaine, deve ser deduzida pelo leitor. Caberia ainda ao leitor estabelecer de modo sintetizado a fábula, mostrando quais os personagens, o conflito vivido, a hipotética resolução para o conflito e o desfecho, contendo a lição que pode ser extraída daquilo que foi contado.

O segundo propósito a ser cumprido exigia que o candidato extrapolasse a coletânea, desenvolvendo uma situação social análoga, em que necessariamente fosse exposto um problema coletivo. Assim, o candidato deveria criar uma situação que estabelecesse pontos de semelhança com os elementos identificados na primeira parte do propósito: personagens com um problema em comum, a busca pela resolução do conflito e o contraste entre a deliberação e a ação.

Para realizar o fechamento do texto, a exigência era a de que o candidato se apropriasse da ideia central da fábula: a solução para o conflito social exige mais do que a deliberação sobre o problema, é necessário que sua execução seja viabilizada pela ação daqueles que estão diretamente envolvidos com ela. Seria adequado que o candidato percebesse, nesta etapa, a relação entre as duas primeiras partes do texto, deixando clara a similitude entre a fábula escolhida e a construção da situação social por ele exposta. Desse modo, o candidato poderia demonstrar um posicionamento favorável à leitura de fábulas (como o auxílio na compreensão de situações cotidianas e solução para problemas sociais) e atingiria os objetivos centrais do texto, incentivando a leitura desse gênero textual e ampliando o horizonte cultural dos leitores.

**Texto 2**

Você está participando de um curso sobre o livro *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*, de autoria do neurocientista Antônio Damásio. Uma das avaliações do curso consiste na produção de um texto de divulgação científica a ser publicado em um *blog* do curso. O objetivo do seu texto será o de divulgar as ideias do autor para um público mais amplo, especialmente para alunos do ensino médio. Você deverá escrever o seu texto **sobre o tema da indução das emoções, baseado no excerto abaixo**, incluindo:

- uma explicação sobre indutores de emoção com exemplos do próprio texto;
- uma breve narrativa que exemplifique processos de indução de emoções;
- uma finalização baseada no fechamento do texto original.

Lembre-se de que o **texto de divulgação científica** deverá ter um **título** adequado aos conteúdos tratados.

**Comentários**

O enunciado da prova de redação da Unicamp exigiu que o candidato desenvolvesse o gênero texto de divulgação científica, cujo principal objetivo era divulgar as ideias do autor do texto-fonte para um público mais amplo. Para tal, o candidato deveria contemplar as seguintes exigências: explicar sobre indutores de emoção, com exemplos presentes no texto-fonte; desenvolver uma narrativa breve, capaz de exemplificar os processos de indução de emoções; e finalizar, de modo que o fechamento de seu texto fosse baseado no fechamento do texto original.

Seguindo a sequência proposta pelo enunciado, que esboça uma configuração textual segura, no primeiro momento o candidato precisaria trazer a explicação sobre os indutores de emoção. Como essa ideia é de autoria do neurocientista Antônio Damásio, caberia citá-lo como o responsável por ela, com possível menção também ao texto-fonte ou ao livro trabalhado no curso (*O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*). Para explicar os indutores de emoção, o candidato poderia recorrer a trechos do texto em que Damásio explica como objetos, situações e recordações associam-se às emoções (“o organismo processa determinados objetos ou situações através de um dos seus dispositivos sensoriais”; “o organismo recorda certos objetos ou situações e os representa, como imagens, no processo do pensamento”; “certas espécies de objetos ou acontecimentos tendem a estar mais sistematicamente ligadas a determinado tipo de emoção que a outros”). Para melhor elucidar de que se tratam os indutores de emoção, o candidato deveria selecionar exemplos que, neste



momento, ainda deveriam ter sido expostos pelo texto-fonte, como “Uma casa parecida com a que o leitor viveu uma infância feliz pode fazê-lo sentir-se feliz, embora nada de especialmente bom ainda se tenha passado na casa” ou “o rosto de uma belíssima desconhecida, que se assemelha ao de uma pessoa ligada a um acontecimento terrível, pode causar-lhe desconforto ou irritação”.

O seguinte item a ser cumprido permitiria que o candidato estabelecesse um texto coeso e mostrasse que compreendeu corretamente o que seriam os processos de indução de emoções, ao trazer uma narrativa que fosse um exemplo adequado deles. Para isso, o candidato poderia narrar um caso análogo ao das situações exemplificadas no texto. Cabe observar que, ainda que o candidato deva extrapolar o texto-fonte, a apropriação de informações nele disponíveis o auxiliaria no desenvolvimento da narrativa. Como exemplo, o candidato poderia narrar uma situação em que um mesmo estímulo provocasse emoções distintas em grupos cujos antecedentes culturais fossem diferentes.

A finalização deste texto necessariamente deveria se basear no fechamento do texto original, no qual se conclui que “a maior parte dos objetos e das situações conduzem a alguma reação emocional” e que “Um certo grau de emoção acompanha forçosamente, o pensamento sobre nós mesmo ou sobre o que nos rodeia”.

O enunciado traz ainda a informação de que o texto circulará no meio acadêmico (estará disponível no blog do curso e será objeto de avaliação), o que indica a necessidade de adoção de um registro formal e o privilégio da impessoalidade.

Nota-se que, para o cumprimento de todas as exigências, o candidato deverá ter realizado uma leitura adequada do texto-fonte, para não apenas fazer uma transposição das ideias do autor (com mera colagem de trechos), e sim apropriar-se delas, de modo a construir um texto autoral.

### QUESTÃO 01

Em ensaio publicado em 2002, Nicolau Sevcenko discorre sobre a repercussão da obra de Euclides da Cunha no pensamento político nacional.

“Acima de tudo Euclides exaltava o papel crucial do agenciamento histórico da população brasileira. Sua maior aposta para o futuro do país era a educação em massa das camadas subalternas, qualificando as gentes para assumir em suas próprias mãos seu destino e o do Brasil. Por isso se viu em conflito direto com as autoridades republicanas, da mesma forma como outrora lutara contra os tiranetes da monarquia. Nunca haveria democracia digna desse nome enquanto prevalecesse o ambiente mesquinho e corrupto da ‘república dos medíocres’(...). Gente incapaz e indisposta a romper com as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória da terra e do povo.

(...) Euclides expôs a mistificação republicana de uma ‘ordem’ excludente e um ‘progresso’ comprometido com o legado mais abominável do passado. Sua morte precoce foi um alívio para os césores. A história, porém, orgulhosa de quem a resgatou, não deixa que sua voz se cale.”

(Nicolau Sevcenko, O outono dos césores e a primavera da história. *Revista da USP*, São Paulo, n. 54, p. 30-37, jun-ago 2002.)

- a) No último período do texto, há uma ocorrência do conectivo “porém”. Que argumentos do texto são articulados por esse conectivo?  
b) Apresente o argumento que embasa a posição atribuída a Euclides da Cunha em relação ao lema da Bandeira Nacional.

### Resolução

a) O operador argumentativo “porém” contrasta dois enunciados: o anterior (“Sua morte precoce foi um alívio para os césores”) àquele em que se insere esse conectivo (“A história, orgulhosa de quem a resgatou, não deixa que sua voz se cale”). Assim, poderíamos compreender que a morte precoce de Euclides da Cunha seria o alívio das preocupações da elite governante, pois o falecimento tende a atirar no esquecimento as ideias do finado. No entanto, essa expectativa é quebrada pelo movimento de resgate histórico da “voz” euclidiana. Cumpre ainda dizer que as vírgulas que isolam a conjunção se devem ao seu deslocamento, já que sua posição natural seria no topo da sentença.

b) Ao acusar o lema positivista do pavilhão nacional, o autor associa à “ordem” a noção de exclusão e ao “progresso” a ideia de conservação do legado miserável do passado. Esse movimento se dá pela constatação de que a república repetia, na visão de Cunha, os

mesmos erros da monarquia: “Gente incapaz e indisposta a romper com as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória da terra e do povo”. Ou seja, o autor de *Os Sertões*, segundo Sevcenko, se apercebera de que a república pouco teria a ver com os ideais democráticos que o moviam, quando das suas críticas, uma vez que se governava numa “ordem” que excluía o povo e num “progresso” que assegurava a manutenção do *statu quo*.

### QUESTÃO 02

O poema abaixo é de autoria de Manoel de Barros e foi publicado no *Livro sobre nada*, de 1996.

“A ciência pode classificar e nomear todos os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam”.

(Manoel de Barros, *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 53.)

a) No poema há uma estrutura típica de provérbios com uma finalidade crítica. Aponte duas características dessa estrutura.

b) Considerando que o poeta joga com os sentidos do verbo “adivinhar” e da sua raiz latina *divinare*, justifique o neologismo usado no último verso.

### Resolução

a) O tom proverbial dos três períodos que antecedem o desfecho do poema é garantido por alguns recursos discursivos. O presente do indicativo, usado em sua forma gnômica ou atemporal, pretende descrever uma verdade universal. O paralelismo trazido pela repetição de palavras e sintagmas também é característica desse gênero textual. O terceiro período, somado a esse emprego do verbo sem marcas de tempo e modo, contém a típica estrutura “quem x, y”, que pressupõe uma descrição que pretende esgotar a situação descrita, presente em inúmeros aforismos: “quem procura acha”, “quem busca encontra”, “quem semeia vento colhe tempestade” etc. Por fim, sobretudo, o viés pedagógico e moralizante do poema também o aproxima das máximas e ditos populares.

b) O verbo latino “divino” (quando se apresenta um verbo nessa língua, não se costuma citá-lo no infinitivo, como nas línguas neolatinas, mas na primeira pessoa do singular do presente do indicativo), cujo forma infinita “divinare” escreve o poeta, está na raiz do português “adivinhar”. Em latim, “divino” remetia àquilo que é relativo aos deuses. Tratava-se de um verbo originado do substantivo “divus” (cujo feminino era “diva”), palavra que alternava na língua com “deus”, de mesma origem. Portanto, predizer o futuro, falar das coisas que ainda não aconteceram, fazer previsões, adivinhar, é tarefa dos deuses e quem o faz se aproxima deles. O eu poético afirma que “Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare”. Isto é, quem se imbuí do pensamento científico, no limite da racionalidade, se afasta do espiritual, do divino. Sabiás, que são animais que não fazem ciência, estão mais próximos, portanto, do transcendental, “divinam”.

### QUESTÃO 03

No livro *Veneno Remédio - o futebol e o Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14), o músico, compositor e ensaísta José Miguel Wisnik afirma que o futebol se tornou uma espécie de “língua geral”, válida para todos, que põe “em contato as populações de todos os continentes”. Leia a seguir dois trechos em que o autor explora essa analogia:

(...) Nada nos impede de dizer que os lances criativos mais surpreendentes não dispensam a prosa corrente do ‘arroz-com-feijão’ do jogo, necessário a toda partida. Ou de constatar, na literatura como no futebol, que a ‘prosa’ pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a ‘poesia’, imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo.

(...) o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos, e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo. A sua narratividade aberta às diferenças terá relação, muito possivelmente, com o fato de ter se tornado o esporte mais jogado no mundo, como um modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por

uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas.”

a) O autor vê o futebol como formas de “prosa” e de “poesia”. Embora ambas as formas sejam consideradas necessárias, cada uma tem um lado negativo. Indique-os.

b) Apresente dois argumentos por meio dos quais o autor justifica sua afirmação de que o futebol é uma espécie de “língua geral”.

#### Resolução

a) O operador lógico “ou” introduz os segmentos “burocrática e anódina” e “firula retórica sem nervo e sem alvo”, associados, respectivamente, à prosa e à poesia. Ora, esse conectivo introduz argumentos que relativizam a positividade de ambas as modalidades da língua, metáfora para o futebol. Se a prosa pode ser “bela, íntegra, articulada e fluente” [positivo], ela também pode ser morosa, inoperante, ineficiente, medíocre etc. Se a poesia, às vezes, é “imprevista, fulgurante e eficaz”, noutras tantas, é tergiversação, com rodeios e imprecisões.

b) O futebol é, segundo Wisnik, “o esporte mais jogado no mundo”. Essa ampla difusão pelo globo se deveu à “sua narratividade aberta às diferenças”, ou seja, à sua gramática absolutamente flexível às necessidades de comunicação, à finalidade de “expressar culturas”. Em decorrência disso, a visão do futebol como “um modelo racional e universalmente acessível” sustenta igualmente a metáfora que perpassa os excertos, qual seja, o futebol é a “língua geral”. Fala-se, portanto, em uma língua de contato entre povos distintos, afinal, vale lembrar, a língua geral era uma língua falada no Brasil (bastante mais que o português, até sua proibição pelo Marquês de Pombal) entre o final do século XVII e o início do século XX. Essa língua permitia a intercomunicação entre negros, português e índios.

#### QUESTÃO 04

“(…) E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma brava criatura. Tanto assim, que, na despedida, insistiu:

- Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.”

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, em *Sagarana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, p. 380.)

“(…) Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento. Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrando, sumido:

- Põe a bênção na minha filha..., seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!  
Depois morreu.”

(Idem, p. 413.)

a) O segundo excerto, de certo modo, confirma os ditos do padre apresentados no primeiro. Contudo, “a hora e a vez” do protagonista não são asseguradas, segundo a narrativa, pela reza e pelo trabalho. O que lhe garantiu ter “a sua hora e a sua vez”?

b) “A hora e a vez” de Nhô Augusto relacionam-se aos encontros que ele tem com outro personagem, Joãozinho Bem-Bem, em dois momentos da narrativa. Em cada um desses momentos, Nhô Augusto precisa realizar uma escolha. Indique quais são essas escolhas que importam para o processo de transformação do personagem protagonista.

#### Resolução

a) A hora e vez do protagonista não foram garantidas através dos caminhos indicados pelo padre, a reza e o trabalho, mas através da violência: Augusto Matraga decide defender com a própria vida a família, inocente, do assassino de Juruminho (um dos jagunços do bando de Joãozinho Bem-Bem). Lançando-se ao conflito com o bando de cangaceiros, Matraga tem duas certezas: a primeira é a morte; a segunda é a sua redenção. O conto, como um todo, simboliza o caminho do homem ao encontro de seu destino, e o final parece ser uma simbiose entre a antiga natureza do protagonista (violenta) e a sua posterior busca pela salvação após ter “descido ao inferno”, baseada em atitudes nobres.

b) Desde o primeiro encontro entre Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem, há uma empatia entre ambos, o que faz com que o cangaceiro ofereça praticar qualquer vingança em nome do protagonista. É a

primeira tentação pela qual Nhô Augusto tem que passar, pois, mesmo ainda nutrido ódio por aquele que lhe roubou a esposa (Ovídio Moura) e por aquele que lhe roubou o poder (Major Consilva), a intenção dele era agora a salvação, a purgação dos pecados e, exatamente por isso, rejeitou a vingança. O segundo encontro entre o protagonista e Joãozinho Bem-Bem representa uma segunda tentação para Nhô Augusto, já que ele é convidado a integrar o bando do cangaceiro. Após uma nova recusa, Nhô Augusto decide permanecer do lado dos desprotegidos, e entrega a vida para salvá-los. Tais atitudes representam uma espécie de evolução e amadurecimento nobre da personagem em busca de sua salvação.

#### QUESTÃO 05

Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões:

“Cá nesta Babilônia, donde mana  
matéria a quanto mal o mundo cria;  
cá donde o puro Amor não tem valia,  
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá, onde o mal se afina e o bem se dana,  
e pode mais que a honra a tirania;  
cá, onde a errada e cega Monarquia  
cuida que um nome vão a desengana;

cá, neste labirinto, onde a nobreza,  
com esforço e saber pedindo vão  
às portas da cobiça e da vileza;

cá neste escuro caos de confusão,  
cumprindo o curso estou da natureza.  
Vê se me esquecerei de ti, Sião!”

(Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>.  
Acessado em 08/09/2015.)

a) Uma oposição espacial configura o tema e o significado desse poema de Camões. Identifique essa oposição, indicando o seu significado para o conjunto dos versos.

b) Identifique nos tercetos duas expressões que contemplam a noção de desconcerto, fundamental para a compreensão do tema do soneto e da lírica camoniana.

#### Resolução

a) O tema e o significado do poema são configurados pela oposição entre dois espaços: Babilônia (o lugar onde o eu lírico se encontra) e Sião (lugar do qual ele está distante e parece se afastar). Babilônia é o espaço da corrupção, da vilania, da luxúria, da completa oposição aos valores cristãos. Sião, por sua vez, representa a terra prometida para os judeus, espaço de felicidade eterna e suprema aos escolhidos. Camões utiliza a metáfora bíblica, que parte da oposição entre Babilônia e Sião, para simbolizar o período em Goa (Índia) no qual serviu a Monarquia portuguesa que, cada vez mais, parecia se desconcertar com a mudança dos tempos e das vontades. Sião (sua antiga Pátria, ou a Pátria que ele idealizava) passa a ser somente uma ilusão, um sonho distante. Além disso, uma outra interpretação possível e totalmente cabível faz referência a um dos temas centrais da lírica camoniana, isto é, a oposição platônica entre mundo sensível e mundo inteligível. Assim sendo, a Babilônia, onde o eu lírico está, seria o mundo terreno (sensível), enquanto Sião seria o mundo ideal, o paraíso cristão (inteligível).

b) Dentre os temas presentes nos sonetos camonianos, aquele que se destaca no soneto em questão é o do “desconcerto do mundo”, isto é: o mundo não funciona como o eu lírico imagina que ele poderia funcionar e, dessa forma, as coisas que acontecem o surpreendem sempre negativamente, como se estivessem fora de seu curso justo e natural. As expressões que, nos dois tercetos, fazem referência direta a isso são “neste labirinto” (verso 9) “neste escuro caos de confusão” (verso 12).

#### QUESTÃO 06

“(…) Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcamos no Terreiro do Paço.

Assim terminou a minha viagem a Santarém; e assim termina este livro.

Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra.

Se assim pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar.

Escusada é a jura, porém.

Se as estradas fossem de papel, fá-las-iam, não digo que não.

Mas de metal!

Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra.”

(Almeida Garret, *Viagens na Minha Terra*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 316.)

a) Considerando a crítica ao contexto histórico e político de Portugal, o que significam as referências às possíveis estradas de papel, de metal e de pedra?

b) Utilizando elementos do enredo, identifique e descreva o personagem do romance que centraliza a crítica à hipocrisia ideológica e política de Portugal, expressa no excerto acima de maneira irônica.

#### **Resolução**

a) Partindo da consideração do contexto histórico e político de Portugal na década de 40 do século XIX (a obra foi publicada pela primeira vez em 1846), no qual os liberais exerciam o poder e a supremacia, as metáforas utilizadas pelo autor, referindo-se a estradas de papel, de metal e de pedra, indicam-nos assuntos tratados no decorrer de toda a narrativa. As estradas de papel simbolizam o sonho e a ilusão, o excesso de idealismo criticado ao longo das reflexões de Garret; as estradas de metal simbolizam o excesso de materialismo dos barões, ainda mais veementemente criticado pelo narrador em suas reflexões (cabe ressaltar que as estradas de metal também podem fazer referências às estradas de ferro, que em determinado momento da narrativa também são criticadas por Garret, por serem símbolos do progresso e da ganância desmedida); as estradas de pedra simbolizam o mundo palpável das soluções efetivas e pragmáticas.

b) A personagem que mais simboliza a crítica à hipocrisia ideológica e política de Portugal é Carlos. Na juventude ele assume o liberalismo como convicção política, lutando em nome dessa convicção, posteriormente, na Guerra Civil de Portugal (1832-1834). Porém, assim como grande parte dos liberais que se alçaram ao poder, Carlos é caracterizado pelo cinismo e se lança na busca pelo enriquecimento a qualquer custo, transformando-se em um “barão”.

## Equipe desta resolução

### Português

Aislan Camargo Macieira

Júlia Rochetti Bezerra

Thiago do Nascimento Godoy

### Revisão e Publicação

Felipe Eboli Sotorilli

Vanessa Alberto